DOI 10.5216/o.v17i2. 46811

# Esperança, fé e revolução
# Esperanza, fe y la revolución
# Hope, faith and revolution*

*Lilian Marta Grisolio***

Vivemos uma profunda crise política, econômica e social. Alguns movimentos indicam a necessidade de um olhar cauteloso: a eleição de Donald Trump nos EUA, o avanço da extrema-direita na Europa, a configuração de uma possível guerra no complicado jogo das relações internacionais entre China, Coreia, EUA e Rússia, as sucessivas tentativas de golpe na Venezuela, a guerra na Síria que já matou mais de 400 mil pessoas, isso sem contar o Brasil, onde se consolidou um duro golpe à incipiente democracia nacional. A presidenta eleita Dilma Rousseff foi afastada do poder em 2016 num claro conluio entre as forças políticas mais conservadoras, setores midiáticos e do grande capital.

Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), atingimos mais de 65 milhões de refugiados no mundo, o maior número desde a Segunda Guerra Mundial. É visível o momento de tragédias e retrocessos violentos em tudo que circunda a existência humana. Os refugiados formam uma massa populacional fugindo da miséria, das guerras, da falta de água e alimentos. Milhares de pessoas vivendo em condição abjeta e quase animalesca, humilhadas em fronteiras de países ricos que se recusam a oferecer ajuda e submetidas a todo tipo de violência, cotidianamente. Esses povos – não em sua totalidade, mas grande parte deles – esquecem que sua fartura e riqueza veio de um processo sombrio e devastador de colonização de outros povos. Iêmen, Sudão do Sul, Nigéria, Somália, Haiti, Síria, entre outros, vivem o que a Organização das Nações Unidas (ONU) classificou de *tragédia humanitária*, e, visto os altos índices de mortalidade, desnutrição e fome, entende que é uma das piores crises da humanidade. A desumanização se manifesta a olhos nus.

São crescentes os ataques de xenofobia, homofobia, racismos e extremismos violentos. Fidel Castro está morto, a esquerda tenta se reencontrar, conquistas de décadas se perdem e a crença na luta pelo socialismo se esvai com um borrão cada vez mais opaco.

Num cenário tão pessimista, é válido perguntar como tratar de assuntos como Teologia da Libertação, socialismo, religião e ideologia, críticas ao capital e fé neste mundo de hoje. Estes são os temas centrais do livro de Frei Betto, *Paraíso perdido: nos bastidores do socialismo*, no qual resgata suas memórias, que se confundem com a história da esquerda

---

* Resenha da obra: BETTO, Frei. **Paraíso perdido:** viagens ao mundo socialista. Rio de Janeiro: Rocco, 2015, p. 525.

** Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professora da Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (UFG), Regional Catalão, GO.
E-mail: lilian@grisolio@gmail.com

na segunda metade do século XX. Frei Betto atravessou todo o percurso das transformações mais extraordinárias após o fim da Segunda Guerra Mundial. Nasceu em 1944 e, apesar da sua formação pró-americanização e anticlerical, na juventude se aproximou da Igreja Católica, entrou para a Juventude Estudantil Católica (JEC) e, como ele mesmo descreve, "não passo a passo, mas aos saltos, pulei de pró-americano a anti-imperialista" (BETTO, 2015, p. 40).

Frei Betto narra suas viagens fazendo um entrelaçamento da sua vida pessoal, impressões e sentimentos com a sua época, lutas e anseios. Ele consegue com maestria contar o contato que teve com o mundo socialista e pessoas ilustres a partir das suas experiências e conversas. A partir de um itinerário cronológico, descreve desde sua viagem em 1979 à Costa Rica, passando pela Letônia, URSS, Polônia, Tchecoslováquia, Alemanha Oriental, China, por Taiwan e pelo Paraguai e, principalmente, suas incursões em Cuba até 2012 com a visita do papa Bento XVI. Vale destacar o marco simbólico que revela a escolha da primeira viagem: a participação ativa de cristãos numa revolução em curso, fazendo a teoria da esquerda católica se transformar em ação revolucionária[1].

Das mais de 70 viagens narradas e comentadas, quase a metade é sobre Cuba e a sua incansável tentativa de reconciliar a Igreja e a Cuba revolucionária. Tarefa que exaustivamente Frei Betto tentou, porém honestamente não obteve o resultado esperado. No capítulo em que narra seu primeiro contato com Fidel Castro, ocorrido em 1980, no primeiro aniversário da Revolução Sandinista, Frei Betto faz uma análise concisa, porém exata, das contradições que se evidenciam na relação da Igreja Católica com qualquer processo revolucionário de esquerda. Assim que a Revolução em Cuba passou a atacar o preceito basilar do capitalismo, ou seja, o direito à propriedade privada, a Igreja se vê diretamente afetada em seus interesses. Este e outros enfrentamentos foram motivos suficientes para uma relação complicada e inúmeras tentativas de acordos e reaproximações ao longo das últimas décadas.

O último capítulo da obra aborda a visita a Cuba do papa Bento XVI para comemorar os 400 anos da Virgem da Caridade do Cobre e resume as contradições e conflitos que marcam o mundo atual. O papa, em entrevista aos jornalistas durante o voo a caminho do México[2], disse que "o marxismo não era mais útil" ao mundo. Este tem sido o grande debate do século XXI.

Os ataques de 11 de setembro de 2001[3], passando pela intensa crise econômica inaugurada em 2007, e até mesmo a saída do Reino Unido da União Europeia, decidida em plebiscito em 2016, provocaram o recrudescimento da polarização ideológica própria do período da Guerra Fria. Vivenciamos atualmente o acirramento da luta de classes e o aprofundamento das contradições e, apesar de o capitalismo ser hegemônico no mundo, as alternativas a ele são questionadas. É neste cenário conturbado que a fala do papa no caminho para Cuba serviu ao autor para uma resposta – uma aula – primorosa sobre o fracasso do capitalismo e a união entre cristianismo e marxismo que

> [...] ao analisar as contradições e insuficiências do capitalismo, nos abre uma porta de esperança a uma sociedade que os católicos, na celebração eucarística, caracterizam como o mundo em que todos haverão de "partilhar os bens da Terra e os frutos do trabalho humano" (BETTO, 2015, p. 508).

O autor não se deixou seduzir pelo comunismo falseado, inventado pelas propagandas imperialistas ou pelas distorções que se efetivaram no último século como na ex-URSS de Stálin ou de Mao Tsé-Tung na China. Ao contrário, é com a clareza de quem viveu todas aquelas experiências, visitou todos aqueles países, viu a esperança dos povos e suas misérias que Frei Betto percebe os erros e excessos, tanto dos processos revolucionários de esquerda como das atrocidades cometidas pelo chamado mundo livre e democrático. Ele cita o seu horror ao acompanhar a execução na cadeira elétrica do casal Rosenberg[4] e ações políticas brutais dos EUA contra Cuba, como também expressa sua contrariedade ao saber das atrocidades cometidas no chamado mundo comunista, afirmando que, apesar da sua opção, não perdeu o "olho crítico frente à União Soviética" (BETTO, 2015, p. 40).

Os conflitos gerados entre Estado e Revolução, discutidos em cada relato durante a obra, revelam que a maior preocupação do autor não era com a instituição ou com os sacerdotes que, contrários aos processos revolucionários, abandonaram seus postos, gerando um *êxodo de católicos*, mas sim com o sofrimento dos leigos que viviam a contradição da forte oposição da Igreja. Entretanto, acreditavam com fé na justiça e nas conquistas da Revolução.

Esses conflitos entre uma Igreja anticomunista e uma revolução ateísta é ponto central de toda a trajetória narrada em *Paraíso perdido*. Sua história se confunde com a história da Teologia da Libertação e da esquerda católica latino-americana, que fez uma opção pelo humanismo cristão para a construção do socialismo. Para os marxistas cristãos, tal como para Frei Betto, independente da vontade da Igreja e do Vaticano, a realidade é mediada por uma ideologia. Seja de direita, como atualmente "impera na consciência de muitos cristãos e os impede de perceber que o capitalismo é intrinsecamente perverso" (BETTO, 2015, p. 508), seja de esquerda, que busca analisar a realidade e construir uma sociedade justa e igualitária, pautada na emancipação humana.

A instigante leitura de *Paraíso perdido* nos leva inevitavelmente a pensar na máxima de Gramsci: "pessimismo da razão, otimismo da vontade". Apesar de falar de lugares e modelos que já não existem mais, de um socialismo que é assolado pela realidade da hegemonia do capital e pelo discurso amplamente generalizado de defesa do neoliberalismo, o livro também fala da esperança, com tom otimista sobre o futuro. O destaque reside exatamente em revisitar esses 33 anos de experiências e observação do movimento da história do mundo socialista. Compreender suas contradições, conquistas e conflitos é o que possibilita a correção dos rumos políticos para a construção de uma sociedade para todos, "ao menos fica claro por onde não se deve ir" (BETTO, 2015, p. 525).

O livro de Frei Betto não fecha os olhos para os erros teóricos e práticos do mundo socialista, ao contrário abre a possibilidade de uma reflexão honesta e crítica sobre as falhas que precisam ser revisitadas e corrigidas, porém sem descartar as conquistas sociais. Assim como não poupa uma crítica contundente à Igreja Católica, que, por vezes, se vale dos privilégios e da liberdade que é negada a dois terços da humanidade. Neste sentido, o livro coloca um desafio ao cristão: como defender um sistema excludente, violento, em que a miséria e a morte de parte da população do mundo sustentam a vida e os privilégios dos outros?

## Notas

**1** Trata-se da Revolução Sandinista na Nicarágua, de caráter marxista, que depôs o ditador Anastasio Somoza em 1979.

**2** Primeira parada oficial da viagem do papa a Cuba.

**3** Os ataques de 11 de setembro de 2001 são considerados uma continuidade da Guerra Fria, à medida que estão ligados diretamente à atuação dos EUA e da ex-URSS no Oriente Médio.

**4** Julius e Ethel Rosenberg foram denunciados, condenados e executados em Nova York em 1953 por espionagem, porque supostamente teriam entregado informações sobre a bomba atômica para a URSS.

Recebida em 12 maio de 2017
Aceita para publicação em 22 de maio de 2017